

Médicos aprovam fim da paralisação

JORNAL DE BRASÍLIA

PHILIO TERZAKIS

Os médicos da Fundação Hospitalar retornam hoje ao trabalho. Depois de 36 dias em greve, resolveram aceitar a proposta feita ontem pelo GDF. A partir de março, os menores valores de remuneração para a categoria serão de R\$ 1.214 (24 horas semanais) e de R\$ 2.022,66 (40 horas). O fim da paralisação foi decidido ontem em assembléia no Cedhrus, na 502 Norte. O corte do ponto dos grevistas ainda será negociado.

A volta às atividades não significou a satisfação dos médicos com a proposta do Governo, que não atendeu às reivindicações do piso salarial de R\$ 1.337 retroativo e proporcional para toda a categoria. Os ganhos salariais não contemplam os servidores mais antigos da Fundação Hospitalar. O aumento previsto para o último nível é de apenas 1,8%.

Mesmo assim, a radicalização - com o fechamento de hospitais - foi vista como uma medida insustentável pelo movimento, definido por muitos como "cansado e desarticu-

lado". Também foi rejeitada a proposta de continuar a paralisação apenas com o funcionamento das emergências. "Não queremos mais atingir a população carente", declarou o diretor do Sindicato dos Médicos, Mário Cinelli.

Recursos - Cinelli admite que de setembro até março os médicos tiveram um ganho de 55% no piso salarial. "A vantagem da proposta é que ela vai atrair os médicos iniciantes na Fundação - os maiores beneficiados. Se a maioria não assumir o emprego, o GDF vai ver que o salário não está justo. Mas nossa maior reivindicação agora deve ser o plano de carreira".

Os novos valores serão assegurados aos médicos que hoje recebem um salário inferior ao piso estipulado. Os que recebem mais que isso terão uma antecipação de promoção padrão. Prevista para junho, esta promoção corresponde à diferença dos valores entre os padrões, informou o secretário-adjunto de Administração, Márcio Baiocchi.

Meta é modificar plano de carreira

Com o fim da greve, a reformulação do plano de carreira passou a ser a maior reivindicação dos médicos da Fundação Hospitalar. Há três meses uma comissão discute essa reestruturação, mas o Sindicato pretende reformulá-la. A categoria quer deixar de ser classificada como assistente superior de saúde.

"Queremos que os médicos sejam contemplados com carreira própria ou sejam privilegiados pelo tempo de escolaridade, que é superior ao das outras categorias. O médico é o protagonista da saúde", afirmou o diretor do Sindicato dos Médicos, Mário Cinelli. A comissão tem até 30 de junho para entregar o resultado. "A desvantagem momentânea da proposta do GDF deverá ser compensada com salários realmente justos", disse Cinelli.